



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

HISTÓRIA CONTADA PELA MARIA ROSA

Por ANÃO SABICHÃO

Desenhos de A. CASTANÊ

ESTA história é tão verdadeira que até me foi contada pela própria menina, protagonista do caso.

A Maria Rosa, — assim é o seu nome, — veio ter comigo e disse-me, muito resoluta:

— «Amigo Anão, gostava que escrevesse no *Pim-Pam-Pum* uma cousa que me sucedeu e que pode bem servir de exemplo a outras meninas».

— «Estou ao teu dispor! Quem me dera que vocês todos, meninos que me lêem, me fôsseis ajudando nesta obra meritória, de emendar defeitos corrigíveis e até alguns que se julgam incorrigíveis!... Conta lá a tua história, amiguinha, que eu vou-a escrevendo e, daqui a pouco tempo, aparecerá em letra redonda, no *Pim-Pam-Pum*».

Então, ela começou, assim:

— «Eu sou aluna dum colégio, onde dava boa conta de tôdas as minhas lições. Os professores estavam contentes comigo, mas quando chegavam as notas do mês, *Muito Bem* que me punham na geografia, francês, português, história e desenho, era sempre tudo estragado pela má nota, que eu apanhava nos trabalhos de costura».

— «Uma cousa que tôdas as meninas devem saber, na perfeição!...» — repliquei, indignado.

— «Assim mo dizia também a minha Mãizinha que não se resignava, ao ver os pontarelos das costuras dos meus trabalhos. Mas, por mais projectos que eu fizesse de me emendar, quando chegava a hora de pegar na agulha, só tinha vontade de abrir a bôca, e tudo me saía mal feito e sem graça!»

— «Uma vergonha, Maria Rosa!...»

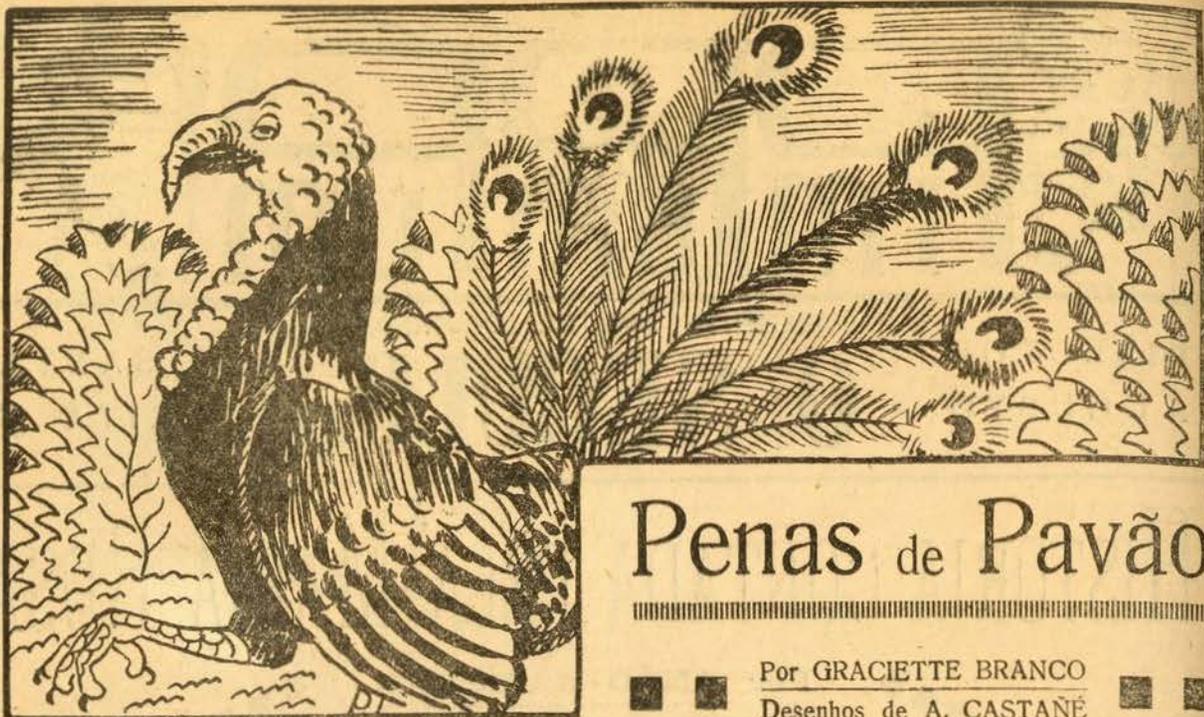
— «Pois era, senhor Anão!... Um dia, ao voltar da escola, com a criada, esta parou à entrada da nossa porta e disse-me, admirada:

— «Olhe, menina, a Gertrudes, — que é a porteira — tem uma petiza em casa!»

Era verdade. Atrás da vidraça da janela, via-se a carinha muito pálida duma pequena, duns seis anos,

(Continua na página 3)





Penas de Pavão

Por GRACIETTE BRANCO

Desenhos de A. CASTANÉ

O Toninho era um menino de dez anos, bonitinho, esperto, asseado, mas que tinha um grande defeito: ser muito basofoeiro. Para ele não existiam dificuldades — (em imaginação, é claro) — tudo sabia fazer, tudo compreendia, para tudo tinha jeito. Ora isto não era verdade porque, por exemplo, para desenho, o Toninho não tinha jeito absolutamente nenhum.

Um dia, aconteceu chegar o Toninho a casa, de regresso do colégio, trazendo um desenho a carvão, primorosamente feito, e que ele, ostensivamente, mostrava à família, como sendo obra sua. O Pai olhou, viu, felicitou-o, mas a Mãe — (as Mães nunca se enganam e conhecem os filhos melhor do que ninguém —) sorriu, embora triste por dentro, e perguntou-lhe:

— E' para a Exposição anual do colégio?

E' sim, Mãizinha! respondeu, entusiasmado, Toninho. Fi-lo esta tarde, num instante, no colégio.

A Mãe, mais uma vez sorriu, de olhos no chão, e exclamou:

— Ora bem, meu filho. Como prémio da tua aplicação, vou contar-te uma história, porque sei ser esse o teu prazer predilecto.

— Conta, conta, Mãizinha!

E a Mãe começou: — «Era uma vez um peru que vivia, muito despeitado, na sua capoeira, por Deus não o ter dotado com a beleza do pavão. Levava horas e horas a olhar, de soslaio, o magnífica ave e mordida-se, de inveja, pelas suas modestas penas não possuírem o colorido admirável das penas do seu rival.

Um dia resolveu escolher a hora em que o pavão, tranquilamente, dormia, e, pé ante pé, entrou na capoeira, arrancando-lhe, com cuidado, as mais vistosas penas.

Em seguida, colocou-as sobre o próprio corpo, remirou-se na água do tanque dos gansos e saiu

da capoeira, imponente, magestoso, triunfante! Porém, numa rua da quinta, eis que esbarra, de súbito, com sua Mãe, a D. Perua Velha, que, reconhecendo, imediatamente, o filho, sob o ridículo disfarce, exclamou indignada:

— De que te serve essa triste mentira?!

Nem os outros poderás iludir, quanto mais tua mãe! Nada mais feio, neste mundo, do que queremos parecer aquilo que não somos e queremos fazer valer méritos que não possuímos...

Nesta altura do conto, a Mãe de Toninho interrompeu-se.

— Porque choras, Toninho? O que tens? Doi-te alguma coisa?!

Mas o Toninho respondeu, a carinha banhada em lágrimas e os braços apertando, freneticamente, o pescoço da Mãe:

(Continua na página 4)



História contada pela Maria Rosa

(Continuação da pagina 1)

Nesta ocasião, a Gertrudes entrava e disse-nos: — Estão a olhar para a minha hóspeda? E' a Madalena, a filha da vizinha ali defronte que trabalha a dias. A pequena estava muito doente e para não ficar sôzinha, veio passar comigo a convalescença. Anda, Madelena, dize adeus à menina!»

Ela acenou-me com a mão, sorrindo, assim a modo tristinha.

No dia seguinte, era feriado, e eu entrei no jardim, com a minha boneca Lili, no colo.

Por ordem da Mãizinha, estava lá a Madalena, sentada ao sol.

— «Bom dia! Êste sol vai-te fazer bem! Porque não brincas, para te distraires?»

— «Não tem com quê — (respondeu a Gertrudes, lá da porta). — E ela não pode correr, está ainda muito fraca! Mas, se ela quizer, eu dou-lhe um livro velho, de bonecos, para se entreter.»

Passou-me, então, pela cabeça, uma idéa e perguntei-lhe: — «Tu gostavas que eu te emprestasse a minha boneca, para tomares conta dela, enquanto eu saio com a Mãizinha?»

— «Mas que bela idéa, tiveste, Maria Rosa!» — acudi eu.

— «Ao ouvir esta proposta, a Madalena exclamou, radiante:

— «Esta linda boneca, menina?» — e as suas mãozinhas, muito magras, agarraram na minha Lili e puzeram-na sentada, no banco, em frente.

— «Muito obrigada. Verá como eu vou tomar cuidado nela!»

A mãizinha chamou-me e eu lá deixei a doentinha, muito satisfeita.

Também eu, Anãozinho, enquanto andei a fazer umas visitas muito maçadoras, me sentia tão contente! ...»

— «Tinhas razão para isso! A acção que fizeste, foi muito bonita!».

— «Quando voltei, a Madalena estava ainda na



mesma posição, sempre contemplando, de longe, a boneca. Então, perguntei-lhe:

— «Tens gostado de brincar com a Lili?»

— «Sim, menina! Ainda não tirei os olhos dela!»

— «Mas para brincares, tens que lhe mexer!» — (disse-lhe eu, rindo, por a vêr tão acanhada).

— «Olha, como tu és muito cuidadosa vou deixar-ta, durante uns dias. Fica tu sendo a sua mamã, queres?».

— «E que te respondeu ela?» — indaguei, curioso!

— «Fez-se muito vermelha, olhou tôda séria para a Lili, e respondeu, convencida!».

— «Isso, não, menina! A Lili é bonita e rica demais, para ser minha filha! Eu não me atrevo a tocar nos seus lindos caracóis, nem no seu vestido de seda!»

E teimava em entregar-me a boneca, outra vez.

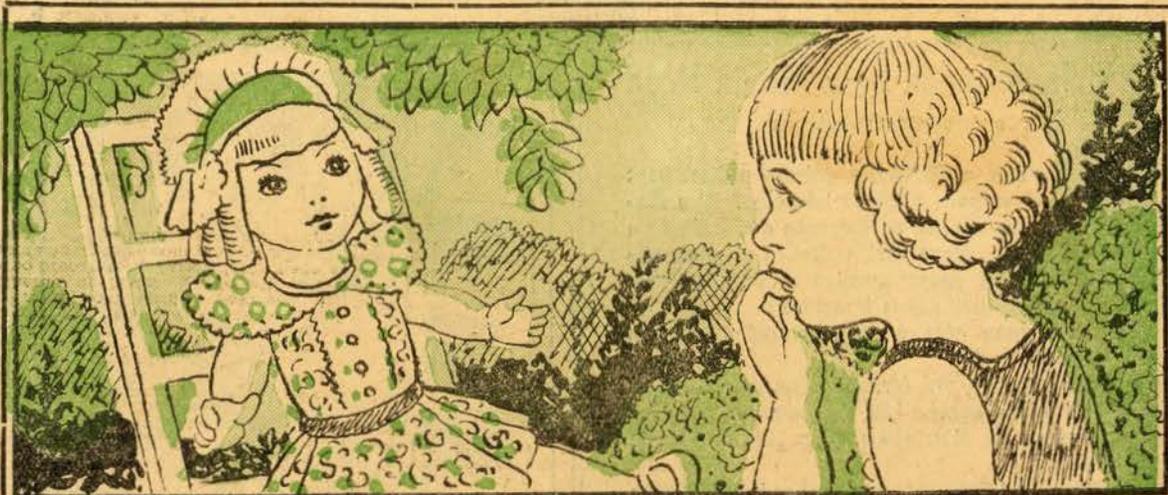
— «Faze o que quizeres!» — (disse-lhe eu, pegando na Lili) — «Fica combinado, então, eu trazer-ta, de vez em quando, para tu a veres».

Fui ter com a Mãizinha e contei-lhe tudo.

— «Se já viram uma pequena mais exquisita!».

— «Que queres?» — (respondeu-me ela). — «A tua Lili tem um vestido muito rico e uns lindos caracóis,





a Madalena gostaria mais de brincar, com uma boneca ordinária, de vestido de chita como o que ela usa.

— «Não tenho nenhum assim! Só se...».

— «Só se? O quê? — indagou a Mãzinha.

— «Pensava eu que talvez a Maria, nos intervalos do serviço, pudesse fazer um vestido dalgum resto de aventais e vestia-se uma das minhas outras bonecas para eu dar à Madalena.»

— «Da tua idéa só me agrada metade! — (disse-me a Mãzinha) — Porque se fôr a Maria quem faz o fato da boneca, que queres oferecer à Madalena, a tua boa acção não é completa, percebeste?».

— «Eu percebi muito bem, Amigo Anão, mas não fiquei lá muito satisfeita, quando tal ouvi!».

— «Mas depois?...» — inquiri eu.

— «Ora depois... ainda fiquei um bocado, embatucada! Comecei a dizer que não era capaz de fazer o vestido sôzinha, mas a Mãi respondeu-me que me ajudava e, se eu tivesse boa vontade, conseguiria!...».

— «E conseguiste, hein?»

— «Pois consegui, senhor Anão! Deixei-me de hesitações! Com a ajuda da Mãzinha, que me cortou os moldes, fiz uma camisa, o resto da roupa, e um vestidinho de percal côr de rosa, muito simples. Trabalhei três dias a fio, durante o tempo dos meus recreios. Fui bem recompensada, ao vêr o contentamento da Madalena, quando lhe entreguei a boneca, dizendo-lhe:

— «Aqui tens uma filha, bem tua, e que não podes recusar!»

E a boneca, tôda pimpona, com o seu vestido claro, o avental à cinta, e um chapelinho de palha, até dava ares da Madalena!

Agarrada a ela, esta deu-lhe, nas bochechas de louça, dois grandes beijos repenicados de mamã carinhosa.

E tão radiante estava, que o sangue subiu-lhe à cara e já não parecia a doentinha da véspera!».

— «Aposto que agora já gostas da costura, não é assim?»

— «Se gosto, amigo Anão! Nunca mais me aborreci, ao pegar numa agulha! Continuei a fazer o enxoval da boneca da Madalena e, como ela está



melhorzinha, ensino-a, também, a trabalhar, porque quem tem filhas bonecas, precisa sempre de andar, com a agulha na mão!» — rematou a Maria Rosa, muito contente da sua vida.

Esta história que ela lhes contou, é um exemplo para todas as meninas mandrionas ou com pouca tendência para a costura.

Quem sabe se, pela vossa vizinhança, não haverá alguma Madalena pôbrezinha que precise de vestidos simples, para as suas bonecas?

■ ■ F I M ■ ■

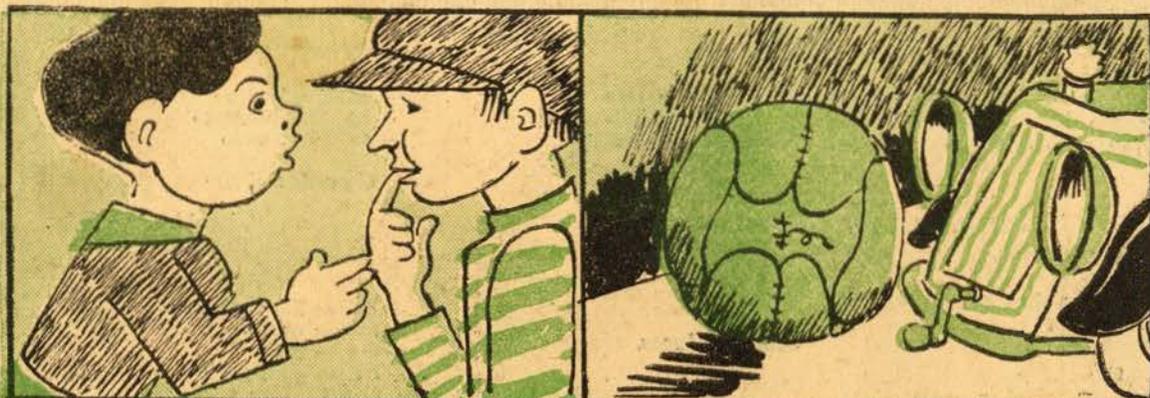
PENAS DE PAVÃO — (Continuação da pagina 2)

— Doi-me a alma, Mãzinha! Tenho vergonha de olhar para ti! Sinto que sou o peru do teu conto e peço-te perdão, Mãzinha, pela triste figura que fiz. O desenho não é meu mas juro-te que não torno a ser basoheiro, que não torno a

mentir, que não torno a enfeitar-me com penas de pavão!

— E' esse o meu maior e mais ardente desejo, meu filho! — rematou a Mãi, beijando-o, comovidamente, na testa.

AS CINCO PARTES DO MUNDO...



Carlitos, rapaz esperto e muito amigo do estudo, conversa, com muito acerto, com seu amiguinho Alberto, mandrião e cabeçudo.

— «Meu Pai, o ano passado, (diz Carlos, ao vir da escola, ao Albertinho estouvado:) por ter ficado aprovado, deu-me o prêmio duma bola,

E já me disse, outro dia, que, se este ano eu ficar bem, um «Citröen» me daria. Estudar dá alegria!... Porque não estudas, também?!...»



Ao Carlos, o mestre dêste, clama um dia: — «Dize tu, Carlitos, o que aprendeste... Quais as vogais?» Volve este: — «Cinco! A. E. I. O. U!»

— «Respondeste com acerto. (Volve o mestre enternecido) Dize tu, agora, Alberto, em quantas partes, ao certo, o mundo está dividido?»

Com seus poucos cabedais, volve Alberto: — «Em meia dúzia.» «Seis não; cinco. Quais são? Quais?» — «Ásia...» — Bem! Bem e que mais?» — «Ésia, Isia, Ósia, Úsia!»

CONCURSOS CHARADÍSTICOS

Número 4 — 1.º Concurso

Nota: — Toda a correspondência referente a esta secção, deve ser endereçada a *Américo Taborda (Rei do Sebo) — Pim-Pam-Pum — Rua do Século, 43 — Lisboa.*

CHARADAS NOVISSIMAS

1)

All a mulher ama o «*erudídeo*». — 1-2

Setúbal — *Lucas.*

2)

E' branco aquele «*anfíbio*» que se entrega ao prazer das claras águas logo ao «*amanhecer*». — 2-1-1

Braga — *Rucas.*

3)

SINCOPADAS

Que *folia* deve haver no dia em que se descobrir a cura da *lepra*! — 5

Coimbra — *Bébé (C. C. C.).*

4)

Fui a esta *terra portuguesa* numa *carruagem*. — 5

Lisboa — *Dália de Jesus.*

(A «*Bata Loura*»)

5)

Que *brilhante* a vossa *habilidade*! — 5

Lisboa — *Fernandoso.*

6)

Um homem *nobre* gosta sempre d'este «*fruto*». — 3

Coimbra — *Morais (C. C. C.).*

BIFORME

7)

Ele, «*quadrípede*»; ela «*peixe*». — 3

Alpedrinha — *Alfredo Matos.*

8)

COMBINADAS

+ *mais* = Nunca
+ *co* = «Número»
+ *lo* = Néscio

Conceito: «Flor»

Lisboa — *Erfer.*

9)

+ *do* = Rio português
+ *to* = «Ave»
+ *ma* = Birra
+ *ca* = «Brinquedo»

Conceito: «Ofício»

Setúbal — *Zé Quitolas.*

10)

ENIGMA TIPOGRÁFICO

LER

Lisboa — *Barba Azul.*

11)

MAÇADA GEOGRÁFICA

Sal aroma

Beja — *Um decifrador.*

12)

ENIGMA

(em verso)

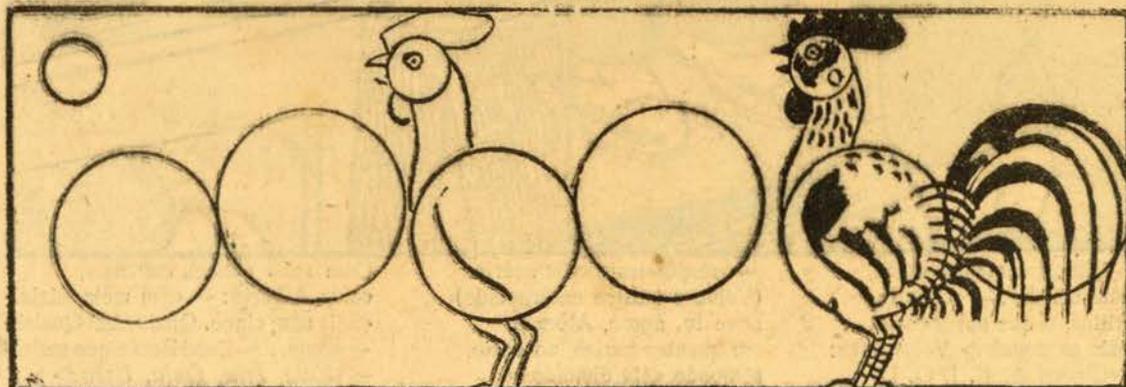
Com duas letras,
Mas não vogais,
Um bom governo
De certo achais.

Portalegre — *Sir Mistério.*

AVISO

Como temos recebido muitas listas de decifrações sem a respectiva votação, ficam avisados todos os que assim procederam de que, se não enviarem as votações téa à próxima quinta-feira, essas listas serão anuladas.

L I Ç A O D E D E S E N H O



Como se desenha um galo

Colaboração Infantil

O Menino bondoso e o coxo

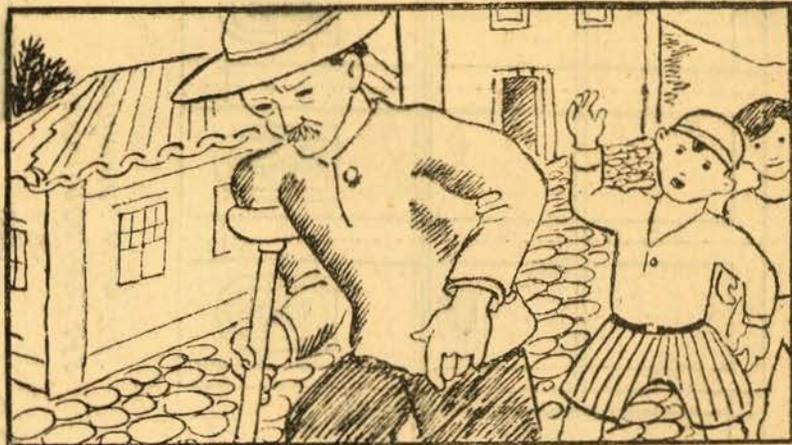
Por A. PIEDADE SOARES

Há anos vivia, numa aldeia, um pobre velhinho, coxo, filho de gente pobre e humilde.

Era ele maltratado pelos garotos que o apedrejavam e lhe chamavam nomes ridículos, entre eles o de Ti Barrico, fazendo tudo quanto queriam ao pobre desgraçado.

Nessa aldeia morava um rapaz, chamado Amadeu, que era o enlêvo de toda a sua família pelos bons feitos que praticava.

Pois o Amadeu, ao ver os seus companheiros fazerem troça do desgraçado, todo se revoltava. Levava horas e horas a pensar como havia de intervir para lhes dizer que não troçassem do desgraçado coxo.



Um dia, indo passear com sua irmã Maria, mais nova do que ele, ao passar por uma das ruas da aldeia, encontrou um rancho de garotos a fazerem troça do desgraçado. Até já o tinham feito cair, e lhe haviam escondido o cajado.

O bom do menino, assim que viu aquilo, foi-se aproximando mais dos garotos e falou-lhes assim:

Vocês não sabem que não se deve fazer troça dum desgraçado que não lhes faz mal algum?

Se vocês fossem, assim, aleijados como ele, não haviam de gostar que vos troçassem.

Eles ouviram estas palavras do bondoso menino e deixaram o pobre coxo em paz. Então, reconheci-

do ao Amadeu, o coxo abraçou-o, chorando.

Um dia foram os garotos a um Monte próximo da aldeia. Estando solto o cão de guarda, atirou-se a eles e, depois de os morder, deixou-os a escorrer sangue.

Ora, por acaso, indo o velhote à esmola e calhando a passar pelo mesmo sítio onde eles se encontravam caídos, acudiu-lhes logo e levou-os para a sua humilde casa, onde os deitou no seu leito.

Assim pagou o pobre coxo o mal que os garotos lhe haviam feito.

Aljustrel, Março de 1935

A. Piedade Soares



F I M

Concurso de desenho do PIM PAM PUM

CLASSIFICADOS



Maria Irene Tomaz



Fernando Correia



Fernando Correia

Concurso da EMISSORA NACIONAL

CLASSIFICADOS



Rodolfo Carlos Fernandes Martins



Adélino Alves



Natércia Doroteia Duarte

9.ª folha. A IGREJA

Colorar estas peças a cada extremo da parte superior da torre

SACRISTIA

Colorar a cúpula na cor verde da torre

CÚPULA

Cortar por este traço e mudar a empena em profundeza desta estar mal colocada

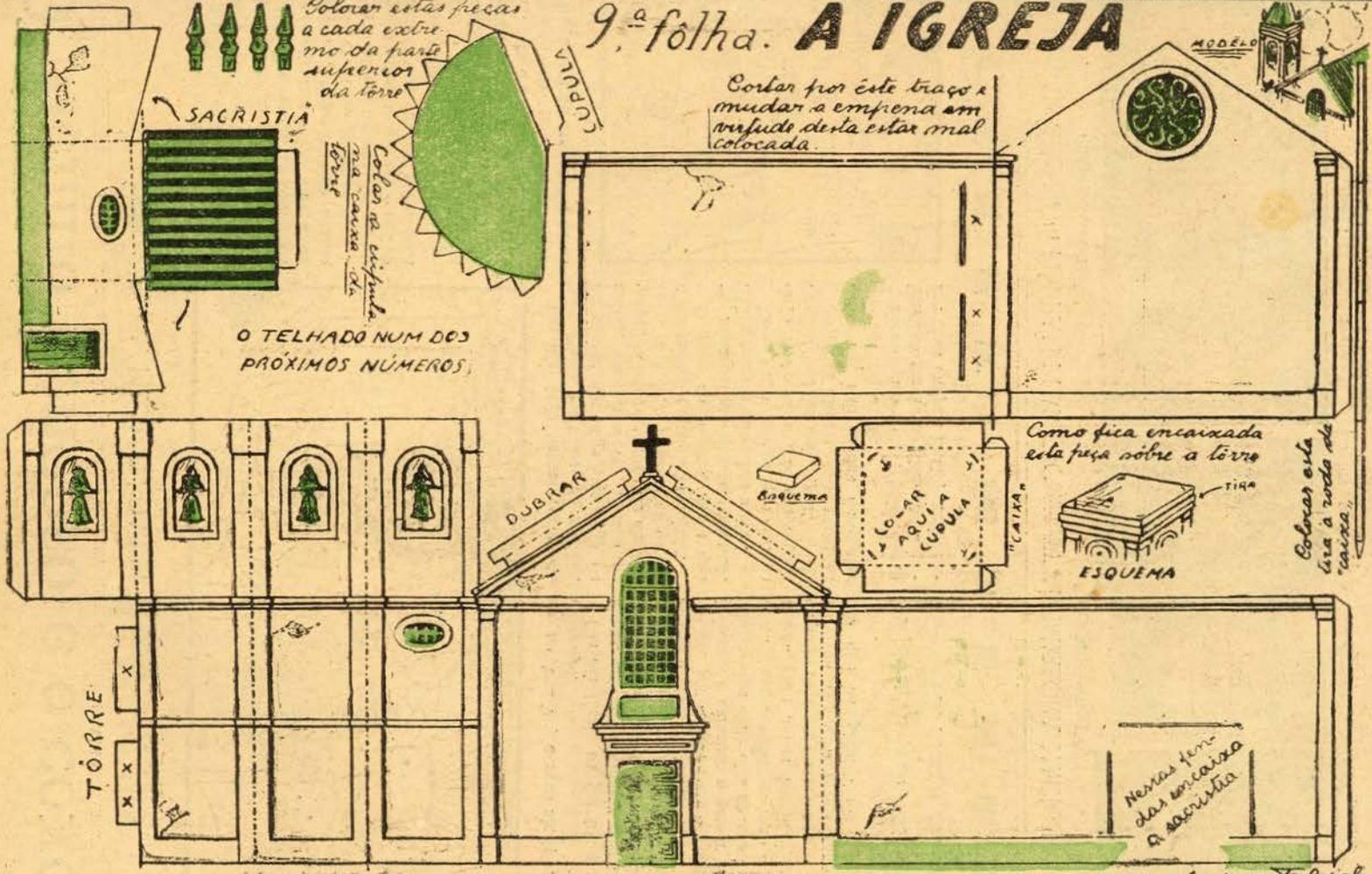
MODELO

O TELHADO NUM DOS PRÓXIMOS NÚMEROS

Como fica encaixada esta peça sobre a torre

Colorar esta tira a toda a volta da torre

Ed. Am. Lum.



Nestas fendas encaixa a sacristia

Am. Lum.